**1ª TESTEMUNHA**

**SOBRE A VIDA DE SANTA CLARA NA CASA DE SEU PAI**  
**1.** Irmã **Pacífica de Guelfúcio** de Assis, monja do mosteiro de São Damião, disse sob juramento que conheceu Santa Clara enquanto esteve no século na casa de seu pai; e que era tida por todos os que a conheciam como pessoa de grande honestidade e de vida muito boa; e que se dedicava e ocupava com as obras de piedade.

**SOBRE A SUA CONVERSÃO**

**2.** E disse que Santa Clara, por exortação de São Francisco, começou a Ordem que agora está em São Damião, e que ela aí entrou virgem e assim virgem permaneceu para sempre.   
Interrogada sobre como sabia dessas coisas, respondeu que, quando estava no século, era sua vizinha e meio parente, uma vez que entre a sua casa e a da virgem Clara não havia nada senão a praça, e que muitas vezes a testemunha se entretinha com ela.

**3.** E disse que dona Clara amava muito os pobres; e, por seu bom proceder, todos os cidadãos tinham-na em grande veneração. Interrogada sobre quanto tempo fazia que a virgem Clara tinha abandonado o mundo, disse que eram cerca de quarenta e dois anos. Interrogada sobre como sabia disso, respondeu que entrou na Religião com ela e que a servia quase de dia e de noite, a maior parte do tempo.

**4.** Também disse que a sobredita dona Clara era de nobre nascimento, e filha de pai e mãe honestos, e que seu pai foi cavaleiro e se chamou messer Favarone, mas ela não chegou a conhecê-lo. Mas a mãe ela conheceu e se chamava dona Hortolana; a qual dona Hortolana esteve em viagem além-mar por motivo de oração e devoção. E a testemunha esteve além-mar com ela, também por motivo de oração; e também foram juntas a Santo Ângelo e a Roma. E disse que ela tinha gosto de visitar os pobres. Interrogada sobre como sabia essas coisas, respondeu: porque era sua vizinha e tinha estado com ela como foi dito acima.

**5.** Também disse que dona Hortolana veio depois para a mesma Religião que sua santa filha e bem aventurada Clara, e nela viveu com as outras Irmãs com muita humildade; e na mesma, ornada por santas e religiosas obras, passou desta vida.

**6.** A testemunha também disse que, três anos depois que a sobredita dona Clara entrou na religião, recebeu o regimento e o governo das Irmãs, a pedido e por insistência de São Francisco, que praticamente a obrigou. Interrogada sobre como sabia disso, respondeu que estivera presente.

**SOBRE O SEU PROCEDIMENTO NO MOSTEIRO**  
  
**7.** A testemunha também disse que a bem aventurada madre passava tantas noites acordada em oração e fazia tantas abstinências, que as Irmãs ficavam com pena e se lamentavam; e disse que ela mesma tinha chorado por causa disso algumas vezes. Interrogada sobre como sabia disso, respondeu: “Porque vi quando dona Clara estava deitada no chão, com a cabeça numa pedra do rio e a escutava quando estava em oração”.

**8.** E disse que era tão severa nos alimentos que as Irmãs se admiravam de como o seu corpo vivia. Também afirmou que a referida bem-aventurada Clara, durante muito tempo, ficou três dias da semana sem comer coisa alguma, nas segundas, quartas e sextas. E disse que nos outros dias fazia tanta abstinência que caiu em certa enfermidade, pelo que São Francisco, de acordo com o Bispo de Assis, mandou-lhe que naqueles três dias comesse pelo menos meio pãozinho por dia, o que pode dar mais ou menos uma onça e meia.

**9.** Também disse que a bem-aventurada madre era assídua e solícita na oração, ficando muito tempo deitada por terra, humildemente prostrada. E quando saía da oração, exortava e confortava as Irmãs, dizendo sempre palavras de Deus, que estava sempre em sua boca, pois não queria falar nem ouvir sobre coisas vãs. E quando ela saía da oração as Irmãs se alegravam como se ela estivesse vindo do céu. Interrogada sobre como sabia dessas coisas respondeu: “Porque morava com ela”.

**10.** Também disse que a sobredita dona Clara, quando mandava às Irmãs que fizessem alguma coisa, fazia-o com muito respeito e humildade e a maior parte das vezes, preferia fazer ela mesma em vez de mandar as outras.

**11.** Também disse que, depois que ela ficou doente de não poder levantar-se da cama, fazia com que a erguessem para ficar sentada e sustentada com alguns panos por trás das costas e fiava, tanto que com o seu trabalho fez confeccionar corporais e os enviou para quase todas as igrejas da planície e dos montes de Assis. Interrogada sobre como sabia dessas coisas, respondeu que a viu fiando e fazendo o pano e quando as Irmãs os costuravam e eram mandados por mãos dos frades às sobreditas igrejas, e eram dados aos sacerdotes que lá apareciam.

**12.** Também disse que a bem-aventurada madre era humilde, benigna e amável para com suas Irmãs, e tinha compaixão das doentes; e que enquanto ela teve saúde servia-as e lhes lavava os pés e derramava água em suas mãos; e algumas vezes lavava as cadeiras das enfermas. Interrogada sobre como sabia disso respondeu que ela mesma o viu diversas vezes.

**13.** Também disse que amava de modo particular a pobreza pois nunca pôde ser levada a querer alguma coisa própria, nem a receber posse nem para ela nem para o mosteiro. Interrogada sobre como sabia disso respondeu que viu e ouviu que o senhor Papa Gregório de santa memória quis dar-lhe muitas coisas e comprar propriedades para o mosteiro mas ela nunca quis concordar.

**14.** Também disse que a predita dona Clara era tão solícita quanto à observância de sua Ordem e quanto ao governo de suas Irmãs quanto alguém pode sê-lo na guarda de seu tesouro temporal. E essas coisas, disse, sabia-as porque sempre tinha estado com ela cerca de quarenta anos e mais, exceto um ano em que por licença da bem aventurada madre esteve no mosteiro do Vale da Glória, de Spello, para dar formação às Irmãs do referido lugar.

**O MILAGRE DO AZEITE15.** A testemunha também disse que a vida da predita bem-aventurada Clara foi cheia de milagres. Pois uma vez, tendo faltado azeite no mosteiro, como não tinham mais nada, a bem-aventurada madre chamou um frade da Ordem dos menores que ia pedir esmolas para elas, chamado Frei Bentevenga, e lhe disse que fosse procurar azeite. Ele respondeu que lhe preparassem o vasilhame. Então dona Clara tomou um vaso, lavou-o com suas próprias mãos e o colocou sobre uma mureta que ficava perto da saída da casa para que o frade a pegasse. E tendo esse vaso ficado ali por uma horinha, quando o Frei Bentevenga foi procurá-lo, encontrou-o cheio de azeite. Investigaram diligentemente e não descobriram quem o tinha colocado. Interrogada sobre como sabia disso, respondeu que estava em casa e viu quando a senhora levou o vaso vazio e o trouxe cheio. E dizia que não sabia quem o podia ter enchido, nem como tivesse sido enchido. E Frei Bentevenga dizia a mesma coisa. Interrogada sobre o tempo em que isso aconteceu, respondeu que foi lá pelo segundo ano depois que vieram morar no mosteiro de São Damião. Interrogada sobre o mês e o dia respondeu que não se lembrava. Interrogada se tinha sido no verão ou no inverno disse que foi no verão. Interrogada sobre as Irmãs que estavam presentes, disse que tinham sido a Irmã Inês, irmã de Santa Clara e recentemente falecida; a Irmã Balvina, que foi abadessa do mosteiro do Vale da Glória, que também já morreu; e a Irmã Benvinda de Perusa, que ainda vive. E jurou sobre essas coisas, e também disse que ela, testemunha, não poderia explicar com sua língua os milagres e as virtudes que o Senhor tinha mostrado através da bem-aventurada Clara.

**COMO SANTA CLARA CUROU CINCO IRMÃS ENFERMAS COM O SINAL DA CRUZ**  
**16.** A testemunha também disse que uma vez estando doentes cinco Irmãs no mosteiro, Santa Clara fez sobre elas o sinal da cruz com a sua mão, e imediatamente ficaram todas curadas.   
E muitas vezes, quando alguma das Irmãs tinha alguma dor na cabeça ou em alguma outra parte do corpo, a bem-aventurada madre as livrava com o sinal da cruz. Interrogada sobre como sabia dessas coisas respondeu que esteve presente. Interrogada sobre quem eram as cinco Irmãs respondeu que ela, testemunha, foi uma delas, e das outras algumas tinham morrido e algumas viviam mas não se lembrava quais eram. Interrogada sobre quanto tempo antes a testemunha tinha ficado doente respondeu: Muito tempo. Interrogada sobre qual era a doença respondeu que era uma enfermidade que a fazia ranger os dentes, ter muito frio e tremer. Interrogada sobre as outras que tinham sido curadas quanto tempo antes tinham ficado doentes, respondeu que não se lembrava das outras como dela mesma. Interrogada em que tempo as referidas Irmãs foram curadas disse: Antes que a senhora ficasse doente.

**17.** Interrogada desde quando tinha começado essa longa enfermidade de Santa Clara respondeu que se pensava que fossem vinte e nove anos.

**18.** E também disse que o remédio dela e das outras Irmãs quando ficavam doentes era que a sua santa madre fazia sobre elas o sinal da cruz. Interrogada sobre as palavras que dona Clara costumava dizer quando fazia o sinal da cruz respondeu que não as entendiam, pois falava muito baixinho.

**19.** Interrogada sobre o mês e o dia em que ela, testemunha, tinha sido curada e também as outras Irmãs respondeu que não se lembrava. Interrogada sobre quem estava presente quando foram curadas, respondeu que tinham sido muitas Irmãs, mas quantas e quais ela não lembrava.